

TV+

Em entrevista cedida pela HBO à Revista, Craig Mazin e Neil Druckman, criadores da série *The last of us*, falam sobre o sucesso da segunda temporada

O segundo passo

HBO/Divulgação

POR PEDRO IBARRA

A mais aguardada temporada de 2025 está chegando ao fim. *The last of us* apresenta o último episódio neste domingo e mais uma vez nada em uma maré de sucesso. Após um bom primeiro ano, a série se aproxima do desfecho com uma segunda temporada à altura do game que adapta.

O sucesso veio. Porém, não era fácil, *The last of us II*, jogo que é base para esses episódios que estão sendo lançados, é um dos mais cultuados dos videogames. “O jogo foi extremamente bem-sucedido, mas em seu próprio território. Não havia garantia de que o sucesso do jogo se traduziria nas telinhas”, afirma Neil Druckman, criador do game e da série, em entrevista cedida pela HBO à *Revista*.

O resultado veio de muito trabalho duro. Era preciso saber o caminho certo para chegar ao ponto certo da adaptação. Logo após sentarem para discutir o roteiro

da série, encontraram as direções para os novos capítulos. “Eu diria que Craig (Mazin) e eu estávamos muito confiantes sobre o que fizemos”, crava Neil.

Craig Mazin, que divide a criação da série, acredita que *The last of us* acerta em colocar pessoas apaixonadas pela história para executarem a série. “O maior problema enfrentado pelas adaptações de videogame por muito tempo, acho que mudou agora, é que as pessoas que adaptavam não gostavam do jogo”, comenta. “Elas estavam apenas adaptando uma propriedade intelectual. Diziam: ‘Isso é popular, mas não se preocupem com o que está lá dentro’”, acrescenta.

Mais do que adaptar o jogo

O lado mais complexo da produção é transmitir o sentimento dos jogadores, mas é importante lembrar que existem os fãs exclusivamente da série agora. “Depois da primeira temporada, houve uma espécie

de ansiedade generalizada: ‘Como vamos superar isso? Como vamos igualar isso?’. Acho que fizemos algo bastante extraordinário”, lembra Mazin. No entanto, o criador acha que manter a forma como trabalharam no primeiro ano foi a solução para o segundo. “Você não muda realmente o processo. O processo é a rocha que mantém tudo unido”, completa.

Eles aproveitaram a narrativa rica que tinham para levantar novos temas. “A primeira temporada foi muito sobre o amor; como ele pode ser usado como arma, como pode corromper e levar a atos horríveis. Na segunda temporada, começamos a ver como grupos unidos pelo amor podem começar a se identificar como ‘nós’ e ver todos os outros como ‘eles’”, destrincha Mazin.

No final, é sobre angariar novas pessoas para uma bonita narrativa. “Fiquei especialmente feliz em ver um público totalmente novo vivenciando a história e se envolvendo com esses personagens e seus relacionamentos”, exalta Druckman.